

As inovações de Phillipe de Vitry

Por mais estranho que possa parecer, a novidade da Ars Nova se provou quase que integralmente uma questão de princípios de notação. Os motetos de Pierre de la Croix, com seus grupos de duas a nove semibreves, havia mostrado claramente a necessidade de estabelecimento de meios de organização e distinção dos valores menores das notas. Isto, Phillipe de Vitry realizou ao providenciar regras que determinavam quais formatos de semibreve eram de fato semibreves e quais eram mínimas ou até mesmo semínimas. Ao fazê-lo, ele ampliou as regras franconianas que governavam a relação entre longas e breves aplicando-as para a relação entre breves e semibreves e entre semibreves e mínimas em tripla mensuração. Uma inovação de alcance ainda maior, entretanto, foi o estabelecimento da mensuração dupla lado a lado com a tripla. Exemplos ocasionais de mensuração dupla apareciam na música do século XIII, mas com os tratados de Vitry e Muris os metros duplos se tornaram totalmente aceitáveis. Ademais, mensurações duplas e triplas em diferentes níveis agora poderiam ser combinadas de forma a produzir uma variedade de mensurações que seriam inconcebíveis para um músico da Ars Antiqua educados no sistema franconiano de notação dos modos rítmicos.

O efeito de combinação mensural em diferentes níveis de organização é mais facilmente compreendido em termos utilizados pelos próprios teóricos do século XIV. Assim como ocorria com os modos rítmicos do século XIII, *modus* (modo) se aplica à relação entre longas e breves. O modo é perfeito quando a longa equivale a três breves e imperfeito quando equivale a duas. De modo similar, *tempus* se refere à subdivisão da breve em semibreves e pode ser perfeito ou imperfeito, em virtude da subdivisão da breve em três ou duas semibreves. *Prolatio* (prolação) se refere à semibreve e é o menor nível em que são possíveis a subdivisão em três ou duas partes. A prolação também vai ser perfeita (ou maior) quando a semibreve for equivalente a três mínimas, imperfeita (ou menor) quando for equivalente a duas. Em uma música em que os valores variem da longa à mínima, a mensuração em cada nível – modo, tempo e prolação – podem ser tanto perfeitos quanto imperfeitos. A música do século XIII, como vimos, se move quase que inteiramente em grupos triplos de longas e breves – em modo perfeito, em outras palavras. Com o uso cada vez mais frequente de valores menores, a breve foi naturalmente se transformou em um valor maior, e a música do século XIV utiliza principalmente breves, semibreves e mínimas em uma das quatro combinações de tempo e prolação, expostas na tabela 13 juntamente com os sinais de mensuração e os equivalente modernos que os identificam.

Muitas peças se restringem ao uso de uma destas combinações e não fazem uso do modo, que combinaria unidades de tempo e prolação em grupos de dois ou três partes (compassos). Como veremos mais tarde, modo e tempo aparecem comumente nas partes inferiores dos motetos do século XIV, enquanto as vozes superiores se movem no tempo e prolação. Adicionalmente a esta hierarquia de organização mensural, longas e duplas longas – agora chamadas máximas – poderiam ser agrupadas em um Modo maior (*maximodus*) que também poderia ser perfeito ou imperfeito. Esta organização dos valores mais longos permaneceu em grande parte teórica, ainda que ocorra em alguns poucos motetos dos séculos XIV e XV.

Table 13: *The Four Combinations of Time and Prolation and Their Modern Equivalents*

Perfect time, perfect prolation	⊙	■ = • • • =	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
	8	♩ = ♪ ♪ ♪ =	♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩
Perfect time, imperfect prolation	○	■ = • • • =	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
	3	♩ = ♪ ♪ ♪ =	♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩
Imperfect time, perfect prolation	⊙	■ = • • • =	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
	6	♩ = ♪ ♪ =	♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩
Imperfect time, imperfect prolation	○	■ = • • • =	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
	2	♩ = ♪ ♪ =	♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩ ♩

Examinando a disposição de valores mostrados na tabela 13 fica evidente que a breve, ao invés da longa, se tornou a unidade de medida musical. Assim, a breve não é mais curta, tanto em nome quanto de fato. Seu valor varia de acordo com a mensuração e é a mínima (♩), o valor mais curto ou o último dos valores, que agora representa o valor constante em todas as mensurações. Apesar da natureza superlativa de seu nome, a mínima logo seria subdividida em semínimas (♪). Até mesmo o Ars Nova de Philippe de Vitry menciona as semínimas, mas esta pode ter sido uma adição posterior ao tratado, porque este valor não se tornou de uso comum até o final do século XIV. A mínima era sempre considerada dupla, divisível apenas em duas semínimas e, assim, a introdução de valores menores não produziu outros níveis de organização que poderiam ser perfeitos ou imperfeitos. Esta introdução, no entanto, marca um passo adiante no já avançado desenvolvimento que haveria de reverter o significado da palavra breve. Na música dos últimos dois ou três séculos, a maior duração é a semibreve e a breve representa um valor tão longo que quase nunca é utilizada. Por esta razão que as transcrições modernas reduzem os valores da notação medieval. Utilizar a breve, semibreve e mínima modernas em edições do século XIV seria uma total deturpação do efeito que tinham para seus contemporâneos.

Fica evidente que o sistema notacional estabelecido por Philippe de Vitry realmente constituiu uma nova arte no que se refere à organização rítmica. Outros elementos também contribuíram em algum grau para a novidade da música do século XIV, mas a grande quebra com a música da Ars Antiqua veio no campo do ritmo. Nunca anteriormente os compositores tiveram à sua disposição uma forma de notação que lhes oferecesse tanta liberdade de expressão rítmica em tantos níveis de organização. Em grande parte, podemos dizer que a organização rítmica é a principal característica da música francesa do século XIV. Esta preocupação se manifesta tanto no desenvolvimento de formas estruturadas em repetições rítmicas quanto na criação de complexidades rítmicas inigualadas na música ocidental antes do século XX.